



Exposição **Das Mãos às Vozes das Mulheres Agricultoras**

Projeto MAIs. Mulheres Agricultoras em Territórios do Interior
2023

financiado por:

Iceland 
Liechtenstein
Norway grants



Agricultura. Saber. Património. Mulheres

Que meia parte? Quanta meia parte?

Quantas mulheres invisíveis estão no centro dos sistemas agrícolas e alimentares? Desde a escolha das espécies à conservação de sementes, no cuidado das culturas e dos animais, à colheita, transformação e preparação das dietas. Em geral, não visíveis nem (ou menos) remuneradas. Mas sempre essenciais.

Neste campo, as mulheres agricultoras guardam o tradicional, mas juntam-lhe a modernidade e a inovação. Por necessidade, e por vontade, são motores de inovação desde tempo imemoriais.

Cestos e tapetes, doces e enchidos, linhas, lãs e tecidos, ... entre cantares, dizeres e saberes.... são a certeza das respostas dadas a cada desafio de conservar, multiplicar, cuidar. Dos seus, dos nossos, do futuro.

São, hoje, mais as mulheres que gerem a sua 'empresa' agrícola, na alegria de um empreendimento que é de e com a família, cooperante e resiliente, ainda que não retratadas em números.

Por serem de grande valor, estas mulheres ocuparam o espaço de fala que é delas. Neste projeto, 'MAIs. Mulheres agricultoras em territórios do interior', a cada dia nos enriqueceram. Aqui, na exposição "Das Mãos às Vozes das Mulheres Agricultoras. Sabugal e São Pedro do Sul" em retratos, histórias, momentos, palavras, fica um pouco deste caminho, escondido em cada aldeia, onde a partir de uma prática social que se mantém tradicional, protagonizam narrativas de sucesso capazes de gerar processos coletivos e de as posicionar no centro dos espaços de fala públicos.

Obrigada, a todas!

E porque caminhamos em grupo, aprendemos coletivamente, partilhamos em conjunto, este desafio, obrigada equipa!

Coordenadora do Projeto MAIs:

Cristina Amaro da Costa
Escola Superior Agrária do Instituto Politécnico de Viseu & CERNAS-IPV - Centro de Estudos de Recursos Naturais, Ambiente e Sociedade

As Mulheres, no Sabugal

Sabugal é um concelho localizado no distrito da Guarda, na Beira Alta de Portugal, fazendo fronteira com Espanha, numa região conhecida como Raia. Em termos de património natural, destaca-se a Reserva Natural da Serra da Malcata. Nesta região perduram ainda as memórias de cinco concelhos medievais.

Região de muitas tradições, existe uma que se destaca entre todas: a Capeia Arraiana, manifestação taurina que atrai muitos visitantes às diversas aldeias, principalmente no mês de agosto.

Outra tradição antiga ainda hoje presente, é a pastorícia, associada à produção de queijo de ovelha e cabra. Também a elevada qualidade da carne de bovino que aqui se produz influencia a gastronomia local.

Os produtos locais deram origem a uma gastronomia própria, em que se destacam o cabrito, os pratos de caça, os queijos, os enchidos, em particular o bucho raiano, e a castanha. O bracejo e a sua cestaria também fazem parte das tradições do Sabugal.



Arminda Esteves

Bracejo/ Tem 73 anos, é natural e residente na aldeia de Sortelha, Sabugal.

“Não me tirem o bracejo!”



Ilda Nabais

Doce da Castanha/ Tem 54 anos, é natural e residente na vila do Soito, Sabugal.

“Nós, as mais novas, não valemos nada ao pé delas (mulheres mais velhas)!”



Palmira Gonçalves

Bucho/ Tem 64 anos, natural da aldeia da Ribeira no Sabugal. Reside atualmente em Batocas.

“Mas só porque antigamente era assim, nós não temos que fazer sempre assim, não é? Agora temos de guardar os pontos bons que são os temperos, e saber fazer melhor do que antes.”

Património Imaterial, Sabugal

Sortelha Bracejo



A prática artesanal de cestaria, designada de bracejo é feita a partir dos usos da planta *Stipa gigantea*, ou aveia dourada. É uma planta selvagem e resistente, que se dá bem em solos não muito húmidos e banhados pelo sol, e que existe em grande parte do solo português.

Para fins artesanais esta planta começa a ser colhida no início do verão entre finais de maio a julho, mas esta época pode variar consoante as condições climáticas do ano. A colheita pode ser efetuada com recurso a instrumentos tradicionais, como uma foice. Após a colheita, a planta é submetida um processo de secagem, pois é apanhada ainda verde. Nesta etapa, a planta é deixada ao ar livre em cima de um pano.

Estes trabalhos artesanais são feitos com utensílios como a ráfia, agulhas, tesouras e, mais recentemente, algumas pessoas utilizam também linhas, máquinas de costura e marcadores para fim de customização das peças. Destes trabalhos costumam surgir cestos, contudo também pode ser utilizado para produzir peças de vestuário, como chapéus e malas, peças decorativas, utensílios de cozinha como queijeiras e fruteiras, e até cadeiras e puffs.

Por fim, é de enaltecer que, ainda que a planta possa ser alvo de cultivo na região do Sabugal, as artesãs costumam respeitar o ciclo natural da planta, promovendo assim uma prática cesteira articulada com a natureza.

No concelho do Sabugal, falámos com duas artesãs, Arminda Esteves, de Sortelha, e Isabel Martins, de Malcata, mas existem ainda várias outras mulheres desta região que detêm este saber. Pela sua relevância na região, a prática do bracejo está em processo de certificação.



Batocas Bucho



O bucho é um dos símbolos da gastronomia sabugalense, de raiz popular. Está ligado às tradições da matança do porco. Cada família tinha o seu porco, criado e alimentado de forma natural, que a partir de um ano de vida poderia ser utilizado para fins de alimentação. A época da matança do porco acontece nas épocas mais frias do ano, um momento de reunião familiar.

O bucho é feito a partir do intestino do porco, que é recheado com: orelhas, focinho, rabo, ossos da coluna, partes da costelas, nervos e carne mais macia. Esta mistura é temperada com sal, pimento vermelho e alho, na chamada vinha de alhos.

Soito Doce da Castanha



Castanha, castanheiro e souto, esta tríptica é familiar a qualquer habitante ou natural do território raiano do Sabugal. A castanha é um produto ilustrativo deste concelho da Beira Alta, sendo um ingrediente com lugar importante na produção e alimentação da região.



Em termos dos seus usos tradicionais, salienta-se a castanha pilada (castanha submetida a um processo de secagem, que pode ser utilizada o ano inteiro) e, em especial numa receita tradicional: a sopa de castanha chamada caldudo, que antigamente era usada para fortalecer as crianças.

A castanha também é utilizada para a doçaria, onde se destaca o doce de castanha (uma compota semelhante às das outras frutas) e mais recentemente o pastel “Quinas”.

São Pedro do Sul é um concelho localizado no distrito de Viseu, no centro interior de Portugal, mais concretamente na região denominada Dão e Lafões.

Esta região é marcada por várias tradições e lendas, das quais se destacam os Cantares de Manhouce e a Lenda do São Macário. Outras características tradicionais prendem-se com a gastronomia, da qual se salienta a vitela à Lafões, o cabrito assado no forno e o pão de ló húmido do Sul.

A região conta, igualmente, com inúmeros pontos turísticos de património histórico, como as suas bem conhecidas termas, das mais antigas da Península Ibérica, aldeias de xisto e granito e outros povoados e vestígios datados da época da ocupação romana.

Enaltecemos as histórias das diferentes aldeias da região, como são caso Rompecilha e Covelinhas, onde estão sediados os ciclos do linho e da lã, respetivamente, reproduzindo tradições desta região.

As Mulheres, em São Pedro do Sul

Rompecilha



Odete Coelho

Ciclo do Linho/ Tem 74 anos, e é natural de Lisboa, cresceu e vive, atualmente, na aldeia de Rompecilha, São Pedro do Sul.

“A memória mais feliz com o linho foi agora com a associação que a gente começou a reunir-se.”



Cidália Dias

Ciclo do Linho/ Tem 77 anos, é natural da aldeia de Rompecilha, em São Pedro do Sul, onde sempre viveu até hoje.

“Agora neste momento, é importante preservar o linho para memória, porque isto dá muito trabalho, não há quem faça.”



Cidalina Costa

Ciclo do Linho/ Tem 67 anos, natural de Solgos, em Castro Daire, reside atualmente na aldeia de Rompecilha, São Pedro do Sul.

“O que a gente mais gostava era de ver o nosso museu e que depois se juntasse mais gente para trabalhar para nunca deixar acabar.”

Património Imaterial | Rompecilha

Ciclo do Linho

Em Portugal, os primeiros vestígios do cultivo do linho remontam à Idade do Bronze, no sul. A *Linum usitatissimum* é uma planta herbácea versátil que se dá bem em diferentes tipos de clima e pertence à família das lináceas. A planta e sua semente, a linhaça, são usadas para diferentes fins, desde óleos medicinais à confecção têxtil e tinteira.

Um dos usos tradicionais do linho relaciona-se com a confecção de roupa. Para que isso seja possível, existe um trabalho moroso, com várias etapas: cultivar, empoçar, rifar, macerar, triturar, espadelar, fiar, mear e o fazer da teia. Neste processo são utilizados vários instrumentos como o ripanço, espadana, roca e fuso, sarilho e tear.



Apesar das tradições ligadas ao linho serem comuns a várias regiões do país, em São Pedro do Sul, é na Rompecilha que ainda podemos conhecer todo o ciclo do linho, através das mulheres que ali residem. Apesar do progressivo esvaziamento e envelhecimento da população da aldeia, Delfim Dias em colaboração com Associação Cultural e Desportiva da Rompecilha, na última década, conseguiu recuperar e animar o ciclo do linho, como forma de estimular e reavivar as memórias da sua mãe, doente de Parkinson. Esse foi o mote para que outras mulheres da aldeia retomassem os trabalhos do ciclo do linho e passassem a reunir-se em torno de uma prática repleta de memórias.



As Mulheres, em São Pedro do Sul

Covelinhas



Armandina Teixeira

Ciclo da Lã/ Tem 74 anos e é natural da aldeia de Covelinhas, S. Pedro do Sul.

“Quem compra (os trabalhos de lã feitos na associação) são mais os estrangeiros. São quem dá mais valor a estas coisas.”



Arminda Pereira

Ciclo da Lã/ Tem 64 anos, nasceu em Lisboa e vive em Covelinhas há cerca de três anos.

“Ninguém quer aprender (a trabalhar a lã). E quando elas (as mais velhas) falecerem, ninguém vai ficar com estas ideias, com estas raízes, e tem tendência a acabar.”



Aurora da Silva

Ciclo da Lã/ Tem 61 anos, é natural de São Martinho das Moitas, e reside na aldeia de Covelinhas, São Pedro do Sul.

“Precisamos de apoio. Se não tivermos apoio para a nossa associação, isto (ciclo da lã) acaba!”



Fernanda Costa

Ciclo da Lã/ Tem 54 anos, é natural e residente da aldeia de Santo Estevão, São Pedro do Sul.

“Acho muito triste chegar às aldeias e ver a falta das pessoas.”

Património Imaterial | Covelinhas

Ciclo da Lã

Embora o trabalho com a lã seja, tal como o do linho, comum em várias regiões do país, em São Pedro do Sul, está localizado na aldeia de Covelinhas. Nesta aldeia, tal como em outras aldeias da região, a criação de ovelhas complementa a prática agrícola. As mulheres, durante o dia, trabalhavam na agricultura e de noite, dedicavam-se aos trabalhos manuais, à luz da candeia, por vezes em grupo e com cantares da região.



O ciclo da lã é moroso e trabalhoso, e com várias fases: tosquiar as ovelhas; lavar a lã, de modo a tirar a sujidade e gordura do animal; secar; escarpear, de modo a separar da sujidade e prepará-la para fiar; dobar; e torcer, de modo a fazer o novelo. É a partir do novelo que se fazem tecidos e peças de vestuário como meias, mantas, malas. São utilizados vários instrumentos, como: tesoura, máquina de tosquiar; sabão azul e branco para lavar; o fuso e o tear.

Em Covelinhas, o ciclo da lã tem sido reanimado pela fundação da Associação ARCAS de Covelinhas, nomeadamente por Anabela Teixeira (um dos seus membros fundadores), com o objetivo de preservação das memórias e práticas comunitárias da aldeia.



Património, instrumento de liberdade e fraternidade

“ O desafio deste novo período na prática do património é (...) fazer dele um instrumento de liberdade e de fraternidade.

Liberdade porque, desde agora, as condições de vigilância estão reunidas para que o património não seja jamais um lugar de mistificação e de alienação, onde os ‘vencedores’ constroem a memória dos ‘vencidos’.

Fraternidade, porque o património de uns pode acolher o património dos outros, porque o património hoje não pode deixar de ser plural.”

(Patrice Béghain, Le patrimoine: Culture et Lien Social, 1998)

Viajámos pelo passado e pelo presente. E no Futuro?

Ao longo desta exposição tentámos focar a atenção nos saberes e nas Mulheres que são suas guardiãs. Todavia, não é um processo acabado, nem se encontra esgotado nestas Mulheres aqui retratadas. Existem muitas outras histórias por contar, mais memórias por partilhar, e tantos outros saberes por cartografar.

O património é um instrumento de liberdade, porque estando enraizado nas memórias de quem fomos, vivenciado naquilo que somos, é fundamental para a construção de quem podemos vir a ser.

E é também uma manifestação de fraternidade, porque envolve sempre um coletivo, assente num passado partilhado com tantos/as outros/as. São as histórias e memórias felizes dos/as avós, das mães e pais, de tios e tias, das pessoas que formam cada comunidade.

Ao longo do último ano, tivemos o privilégio de conhecer e recolher algumas das memórias guardadas por um conjunto de Mulheres extraordinárias, que tiveram a generosidade de as partilharem connosco, e agora, também convosco.

Em contextos marcados pelo progressivo abandono dos lugares e das terras, pela invisibilidade do trabalho duro e contínuo, pelas dificuldades de mobilidade e até de comunicação, estas Mulheres continuam a sonhar e a lutar pelas heranças deixadas, sobretudo pelas suas mães e avós: os saberes que guardam com carinho, as memórias do riso e dos cantares que acompanhavam os momentos de trabalho, o convívio entre as gentes das aldeias, e o inestimável valor do que é produzido com as suas próprias mãos.

Receberam-nos sempre com afeto, com generosidade e com disponibilidade para a partilha. Encontrámos pessoas orgulhosas dos seus saberes, ansiosas por partilhar e preservar as memórias do passado, que olham para o futuro com apreensão, mas com alguma esperança.

A todas estas pessoas, em especial, a todas as Mulheres com quem falámos, que tão bem nos acolheram, e que nos permitiram viajar com elas no tempo, do passado ao futuro, só podemos expressar a nossa enorme gratidão.

Porém, não é no passado, nem no futuro, que a ação existe.

É no presente que temos de agir MAIs, dando visibilidade ao trabalho e aos saberes destas Mulheres.

É no presente que temos que escutar e amplificar MAIs as vozes destas Mulheres.

É no presente que temos que proteger, preservar e valorizar MAIS o património destas comunidades.

Porque é no presente que o Futuro se constrói.



Os coordenadores da exposição:

Rosário Rosa
Universidade Aberta (UAB); Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais (CICS.NOVA)/ Obsevatório Nacional de Violência e Género; Centre for Functional Ecology and TERRA Associated Laboratory, Universidade de Coimbra.

Miguel Jesus
Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais (CICS.NOVA)/Obsevatório Nacional de Violência e Género

FICHA TÉCNICA

Coordenação da exposição: Rosário Rosa e Miguel Jesus
Comissão organizadora: Rosário Rosa, Miguel Jesus, Diana Gomes, Cristina
Bandeira, Cristina Amaro da Costa
Recolhas: Miguel Jesus e Rosário Rosa
Edição de conteúdos: Rosário Rosa, Miguel Jesus
Facilitadores: Hugo Jóia, Vanessa Alves e Ângela Abreu
Design e Grafismo: Carlos Jorge e Leonor Tomaz
Montagem da exposição: Câmara Municipal do Sabugal

AGRADECIMENTOS

Todas/os as/os entrevistadas/os; todas/os as/os que contribuíram e contribuem para
que este património se mantenha vivo, em particular:

Anabela Teixeira, António Cabanas, Armandina Teixeira, Arminda Esteves, Arminda
Pereira, Aurora da Silva, Beatriz Rodrigues, Cidália Dias, Cidalina Costa, Delfim Dias,
Fernanda Costa, Ilda Nabais, Irene Martins, Isabel Martins, Luzia Monteiro, Manuel
Gonçalves, Maria Herminia de Almeida, Palmira Gonçalves, Odete Coelho, Paulo
Quintela, Valentim Costa.

Equipa e parceiros do projeto MAIs, em particular, Instituto Politécnico de Viseu,
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade NOVA de Lisboa, Câmara
Municipal de São Pedro do Sul e Câmara Municipal do Sabugal.

ARCAS de Covelinhas; Associação Cultural e Desportiva da Rompecilha; Somos
Aldeia; Associação Fragas Aveloso;

EEAGrants; CIG.

© Projeto MAIs, 2023

operador do programa:



Ministério Adjunto e dos Assuntos Parlamentares

promotor:

parceiros:

